



Ramiro Délio Borges de Meneses

Instituto Politécnico de Saúde do Norte
CESPU – Gandra, Paredes, Portugal

A teologia e a desconstrução: segundo o pensamento de Jacques Derrida */ Theology and deconstruction according to Jacques Derrida*

Abstract

The term Theology is of Greek origin, and etymologically means knowledge of God. The term began to be used by Christians from Eusebius of Caesarea. From then be understood as methodical exposure of Revelation, accepted by the faith. This understands into the truths revealed in the light of reason enlightened by the faith. As better, could be defined as science in which the mind of the believer, faith-driven theological strives to better understand the mysteries revealed in themselves and in their consequences, 1) Material object is the reality that Theology itself is concerned. The object is God and all the realities of the created and governed by his plan of salvation. The primary material object is God and the child object is created everything as ordered to God; 2) Formal Object is the object quod, what belongs to God the Deus sub ratione Deitatis, and the other is the formal object light under which the object is considered. In this case, the reason enlightened by the faith.

Key words: Jacques Derrida, Natural Theology, God, Word of God, and Systematic Theology.

INTRODUÇÃO

A desconstrução tem-se do lado do “sim”, da afirmação da vida, de tal forma que não deverá ceder ao poder ocupante, não cedendo, assim, a qualquer hegemonia. Desta feita, a desconstrução não constitui somente um “ato de resistência”, mas surge de um “ato de fé”. Ela não é, nem poderá ser unicamente uma análise dos discursos, de enunciados filosóficos ou de conceitos ou de uma semântica. A desconstrução deverá ser considerada pelas instituições, pelas estruturas sociais e políticas e pelas mais duras tradições¹. A desconstrução, como afirmação e reafirmação do sim do Outro, vive-se numa “experiência absoluta” do Outro. Constrói-se e desconstrói-se constantemente. Um processo desconstrutivo

1 Cf. F. POCHÉ, *Penser avec Jacques Derrida. Comprendre la déconstruction*, Lyon, Chronique Sociale, 2007, 55.

implica quatro pontos essenciais: 1 - Identificação da construção conceptual de um campo teórico determinado (religião, metafísica, teoria ética, etc.), que utiliza habitualmente um ou mais pares irreduzíveis; 2 - Coloca a ordem hierárquica dos pares; 3 - Apresenta-se por ordem inversa dos pares, mostrando que os termos de baixo (o material, o particular, o temporal, o feminino, Deus, etc.) poderão ser, com razão, dispostos em cima, no lugar do espiritual, do universal, do eterno, do masculino ou da saúde; 4 - Finalmente, a inversão declara que o ordenamento hierárquico reflete certas escolhas ideológicas, mas que não correspondem a caracteres intrínsecos nos pares. Com efeito, se as duas primeiras ações consistem em descrever uma construção conceptual dada, as duas seguintes visam “déformer” (deformar, alterar), reformar e, conclusivamente, transformar² no cristianismo, sendo dadas a partir da Bíblia.

A DESCONSTRUÇÃO: SENTIDO ANALÍTICO E SINTÉTICO

A impossibilidade é o idioma da desconstrução. A desconstrução é a anacronia na sincronia e será um modo de correspondermos a qualquer coisa “out of joint”³. Com efeito, segundo a carta a um “amigo japonês”, a desconstrução não se reduzirá a qualquer instrumentalidade metodológica, a um conjunto de regras e de procedimentos transponíveis. Surge, pois, como meta-método, segundo a nossa crítica. Ela tem em si alguma coisa de “passivo”⁴. Na verdade, a desconstrução não é, simplesmente, a decomposição de uma estrutura arquitectural. Será antes uma questão sobre o fundamento, sobre a relação fundamento/fundado, referindo-se à vedação da estrutura, sobre toda uma arquitectura da filosofia, não sobre uma tal ou qual construção, mas sobre o motivo arquitectónico do sistema⁵. A desconstrução será formada como modalidade da autocrítica interna da filosofia⁶. Com efeito, a desconstrução conduz a um projeto generalizador da filosofia pela descoberta dos seus próprios limites.

Em nome do Outro, a desconstrução afronta os edifícios do mesmo. Todavia, a desconstrução está em crise permanente, dado que é o próprio segredo da sua frágil identidade, da sua vida constantemente ameaçada, estando condenada a operar nos limites, que separa o ser do não-ser, entre o tudo e o nada. Toda a desconstrução é, também, uma lógica do spectral, do assombro, da sobrevivência, não sendo neutra.

Na verdade, esta procurará subverter a tradição metafísica ocidental, considerada logocêntrica e dominadora. De acordo com Derrida, a especificidade de uma desconstrução existe, não sendo necessariamente redutível à tradição luterano-heideggeriana. A operação desconstrutiva não é somente analítica ou somente crítica, querendo dizer que é capaz de decidir entre dois termos simples, mas surge como

2 *Ib.*, 54.

3 Cf. J. DERRIDA; M. FERRARIS, *O Gosto do Segredo*, Tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Fim de Século, 1997, 138.

4 Cf. J. DERRIDA, *Psyché: Invention de l'autre - II*, Paris, Éditions Galilée, 12

5 Cf. J. DERRIDA, *Points de suspension. Entretiens*, Paris, Éditions Galilée, 1992, 224 - 225.

6 Cf. J. DERRIDA, *Du droit à la philosophie*, Paris, Éditions Galilée, 1990, 118.

trans-analítica, ultra-analítica ou mais do que crítica⁷. A desconstrução é a marca da “différance”, como um movimento, no qual a distinção do espaço e do tempo ainda não chegou⁸. Com efeito, a “différance” é não somente irreduzível a toda a reapropriação ontológica ou teológica, mas abrindo o espaço no qual o onto-teológico produz o seu sistema e a sua história. A ordem da “différance”, a ordem da resistência a oposições, não será somente aquilo que resiste, mas aquilo que abre o jogo das forças opostas ou onde a própria resistência encontra o seu lugar.

Juntamente com Roudinesco, poderemos asseverar que a desconstrução é, de certo modo, resistir à tirania do Um, do logos, da metafísica ocidental, na própria língua em que é enunciada com a ajuda do próprio material deslocado, movida por fins de reconstruções cambiantes⁹. Com efeito, a desconstrução é entendida como uma expressão teórica, que pretende minar as correntes hierárquicas, sustentadoras do pensamento ocidental, tais como: dentro/fora, corpo/alma, fala/escrita, presença/ausência, etc. A desconstrução é o caminho do “por-vir” da Palavra. Desta feita, a desconstrução é uma “paixão inventiva”, tanto do criador literário quanto do filósofo. Pela desconstrução, o venire do porvenire revela-se ao venire do in-venire. Na verdade, a desconstrução apresenta-se, quer como uma resistência, quer como uma resposta. É a resposta a um “dever teórico”. Esta, como “invenção”, só pode ser pensada juntamente com o dom. Com efeito, a desconstrução é um pensamento catártico de contaminação. A desconstrução surge como aquilo que recusa toda a exterioridade da linguagem e ela reconduzirá tudo à interioridade da linguagem¹⁰. A desconstrução não se limita nem a uma reforma metodológica tranquilizadora, para uma dada organização, nem inversamente a uma exibição da destruição irresponsável¹¹. A desconstrução não será jamais um conjunto de procedimentos discursivos e ainda menos um novo método hermenêutico, trabalhado sobre os arquivos ou exposições de refúgio de uma dada instituição¹².

A desconstrução derridiana revela-se como uma desconstrução dos fundamentos arqueo-onto- lógicos da ocidentalidade filosófico-cultural¹³. Não sou eu que desconstruo, é a experiência de um mundo, de uma cultura, de uma tradição filosófica, à qual “acontece” qualquer coisa a que se chama “desconstrução”. Aquilo que acontece, acontece desconstruindo-se¹⁴. Na perspectiva de Derrida, a desconstrução nem se poderá limitar ou passar imediatamente a uma neutralização, ela deverá ser, por um duplo gesto, uma dupla ciência, uma dupla escrita e praticar uma ruína da oposição clássica e um deslocamento geral do sistema. Talvez a desconstrução deva ser entendida como a tentativa de prestar contas de uma variedade heterogênea de contradições não-lógicas e de desigualdades discursivas, de todos os lados e de todas as sortes, que continua a assombrar o debate filosófico. A desconstrução é pensamento do “talvez”, um pensamento contaminado. É um

7 Cf. J. DERRIDA; A. SPIRE, *Au-delà des apparences*, Paris, Le Bord de L'Eau, 2002, 20, 22.

8 *Ib.*, 43.

9 Cf. J. DERRIDA; E. ROUDINESCO, *De quoi demain... Dialogue*, Paris, Éditions Galilée, 2003, 9.

10 Cf. J. DERRIDA, *Moscou Aller/Retour*, Paris, Éditions de l' Aube, 1995, 108.

11 Cf. J. DERRIDA, *Points de suspension*, 224-225.

12 Cf. *Ib.*, 424.

13 Cf. F. BERNARDO, “A crença de Derrida na justiça: Para além do direito, a justiça”, em *Agora, Papeles de Filosofia*, 28/2 (2009), 70.

14 Cf. J. DERRIDA; M. FERRARIS, *O Gosto do Segredo*, 135.

pensamento do impossível, da incondicionalidade e da interrupção, da interrupção ininterrupta.

A desconstrução será um “pensamento por-vir”. Assim, a desconstrução manifesta-se como uma “meditação re-inventiva e re-criativa”. A desconstrução pode afirmar-se como pensamento da afirmação¹⁵. A tarefa de uma memória histórica e interpretativa está no coração da desconstrução¹⁶. A desconstrução obedece inegavelmente a uma “exigência analítica”. Ela é uma “dissociação hiperanalítica”¹⁷. A desconstrução é o pensamento do pensamento. É a meditação ou a imaginação inventiva. Acontece que, como pensamento da hiper-responsabilidade, a desconstrução é, por isso, desde sempre, um hiper-questionamento da origem, dos fundamentos e dos limites do aparelho conceptual e normativo da nossa cultura, como algo de incondicional¹⁸.

A partir do Salmo 138,6, Santo Alberto Magno começou a expor a excelência da Teologia relativamente às demais ciências. Esta dita superioridade é contestável, em primeiro lugar, pelo sujeito da admiração dela, que, como bem poderá intuir-se, é o próprio Deus, dado que toda a Teologia versa sobre Ele. Porém, em segundo lugar, pela forma como a Teologia adquire a sua autoridade. E, naturalmente, pela certeza que oferece a sua credibilidade. Todavia, em quarto lugar, pelo modo como nesta ciência pode ser conhecida pelo nosso intelecto. Na verdade, em quinto lugar, pelas demonstrações que, graças à força da sua verdade, é possível formular. Por último, a excelência da Teologia torna-se patente pela sua elevação ou pela altíssima dignitas. Assim, enquanto conhecimento, está a cima de nós e a cima do nosso intelecto¹⁹.

Santo Alberto, ao perguntar/se pelo sujeito da admiração da Teologia, explica, de acordo com o pensamento aristotélico, que as ciências se distinguem por duas coisas por um lado, segundo o admirável sujeito da sua consideração e, por outro, segundo que tão certas poderão ser as suas demonstrações. Assim, pelo facto de que o adorável e o admirável poderá ser o sujeito da sua consideração, dado pelo grau superlativo ao referir-se a Deus²⁰.

A iluminação do intelecto, segundo Alberto Magno, será obra das notas características da Teologia. Neste sentido, deveremos assinalar que o Doctor Universalis fora devedor da doutrina de Averróis, isto é, através da *illuminatio*, o intelecto humano é movido pelo intelecto divino no ato do conhecimento. Quanto à Teologia, será o próprio Deus quem atua em nós através do dom do Espírito (graça incriada), visto que toda a verdade será ensinada pelo Espírito da verdade. Desta feita, a Teologia, tendo a sua origem em Deus, luz da luz, será precisamente uma iluminação, ainda que não deva perder-se de vista que é uma luz participada.

15 Cf J. DERRIDA, *Points de suspension*, 198.

16 Cf. J. DERRIDA, *Força de Lei. O fundamento místico da autoridade*, tradução de Fernanda Bernardo, Porto, Campo das Letras, 2003, 33.

17 Cf. J. DERRIDA, *Résistances de la psychanalyse*, Paris, Éditions Galilée, 1996, 41-42.

18 Cf. *Ib.*, 57.

19 Cf. J. M. MORAGA, “Teología: una ciencia admirable. Aproximación a la noción de teología según Alberto Magno en *De mirabili scientia Dei*”, em *Veritas*, 24 (2011), 190.

20 Cf. *Ib.*.

Assim, segundo o pensamento do Doctor Universalis, a Teologia é uma ciência, muito embora com caracter particular, uma vez que conhece ex primo, que é mais conhecida que o que conhece ex secundo, aquilo que se conhece por causa do imutável, ex immobilibus, é mais verdadeiramente conhecido quando se conhece a partir do mutável (ex mobilibus). Na verdade, aquilo que se conhece por inspiração será conhecido ex primo e o que se conhece pela Revelação será conhecido ex immobilissimis, daqui se infere que a Teologia seja verdadeira ciência, dado que tem origem na mais elevada das causas, da qual será difícil ter conhecimento sem a “iluminação divina”²¹. Finalmente, deveremos dizer que a definição de Teologia, elaborada por Alberto de Leuvinghan, será a de ser uma ciência da “piedade”, da “Gottesfroemnigkeit”. Trata-se, pois, de uma ciência que está orientada para aquilo que move pela piedade – secundum pietatem –. Porém, enquanto ciência, não versa sobre o que poderá conhecer de modo simples, nem sobre tudo o que pode conhecer, robustecendo-se pela fé²².

Poderemos dizer que o pensamento do Doctor Universalis, sobre a Teologia, surge com caracter soteriológico e refere mais o lado prático da Teologia, do que o lado especulativo da mesma. Criticamente, usando a linguagem de Derrida, a Teologia de Alberto de Colónia surge como uma “reflexão desconstrutiva”. Segundo Derrida, a desconstrução é uma Teologia Negativa ou Apofática, que, ao ser aplicada à democracia “por-vir”, possui um sentido no pensamento teológico de Derrida, tal como se poderá ver pelo seguinte texto: “A dificuldade de «sem» espalhou-se no que ainda é chamado de política, de moral ou do direito, que são ambos ameaçados e prometidos por apófises. Tomemos o exemplo de democracia, a ideia de democracia, a democracia «por-vir» (...). Seu caminho pode estar hoje no mundo, isto é por meio dos paradoxos da teologia negativa, que temos de analisar esquematicamente”²³.

São Tomás de Aquino responde mantendo o carácter científico da Teologia por dois motivos. Normalmente, a ciência tem evidência de seus princípios, mas as ciências cujos princípios vêm de outras ciências, que mostram as evidências desses princípios. Existem ciências que se baseiam em princípios dados por outras ciências mais elevadas, por isso não começam a partir da evidência de seus princípios, mas baseiam-se em princípios, que são evidentes em outras ciências mais elevadas. A Teologia é uma dessas ciências, que depende de princípios, cuja evidência demonstram as verdades da fé. No entanto, há uma ciência em que os próprios princípios são óbvios e esta será a ciência de Deus. De facto, a visão direta dos mistérios, existe em Deus, e os bem-aventurados, que pela fé são levados à comunhão. Concluimos, portanto, que a Teologia é uma ciência, mas uma ciência que nos leva conhecimento de Deus. Na verdade, a Teologia é uma ciência, porque existem

21 Cf. *ib.*, 208-209.

22 Cf. *ib.*, 209.

23 “La difficulté du «sans» se propage dans ce qu’on appelle encore la politique, la morale ou le droit qui sont aussi bien menacés que promis par l’apophase. Prenez l’exemple de la démocratie, de l’idée de la démocratie, de la démocratie à venir (...). Son chemin passe peut-être aujourd’hui, dans le monde, par, c’est-à-dire à travers les apories de la théologie négative que nous venons d’analyser si schématiquement”. (J. DERRIDA, *Sauf le nom*, Paris, Éditions Galilée, 1993, 108-109).

verdades-conclusões, que são reveladas. Ou seja, é uma ciência, porque é possível obter algumas conclusões sobre princípios revelados.

A desconstrução deverá ser tão responsável, quanto “possível”, estando assim ligada à “ética”. Mas, a desconstrução é marcada pela possibilidade do impossível e pelo que é necessário fazer, para tentar pensar de outra forma o pensamento, numa incondicionalidade sem incondicionalidade, sem soberania indivisível, fora daquilo que dominou a tradição metafísica, estando nós na condição de tirar consequências éticas, jurídicas e políticas, que se determinam do tempo, do dom, da hospitalidade, do perdão, da decisão ou da democracia “por-vir”²⁴. A desconstrução procura demonstrar que todo o discurso se enunciará como uma “construção”. A desconstrução visa destabilizar as estruturas prioritárias de uma construção particular, que vão da filosofia à política, passando pela literatura, de tal modo que a desconstrução pode afirmar-se como uma “exegese”. Há uma antinomia insolúvel, não dialetizável, entre A lei da hospitalidade, a lei de uma hospitalidade incondicional e ilimitada, de total abertura ao Outro, que chega, e as leis da hospitalidade, as leis de direitos e de deveres, condicionais e condicionadas. A aporia reside precisamente nesta assimetria, nesta estranha hierarquia, em que A lei incondicional da hospitalidade está acima das leis e é, portanto, ilegal, fora das leis, anômica. E, porventura, a experiência da “aporia” não é possível. Logo, a “aporia” não é possível. A “aporia” é um não-caminho, é uma impossibilidade, ao passo que a experiência, como o nome indica, é uma travessia²⁵. A desconstrução é responsabilidade e esta é aquela. A desconstrução será um caminho para a hospitalidade, sendo esta uma responsabilidade do anfitrião para com o homo mendicans. Uma responsabilidade exerce-se na ordem do possível. Neste caso, ela faz da acção a consequência aplicada a um saber ou a um “saber-fazer”.

Derrida procura mostrar que só o impossível “pode chegar”, ao considerar que a desconstrução será o impossível e que ela não será um “método”, uma doutrina, uma meta-filosofia especulativa, mas “aquele que chega” (ce qui arrive). O evento releva um “poder ser”, que não se entrega ao possível, mas sim ao impossível. E a sua força é então irredutível à força ou ao poder de um performativo, mesmo quando essa força seja afinal o próprio performativo, a oportunidade e a eficácia, que chamamos a força (locutiva, perlocutiva) do performativo. A força do evento é sempre mais forte do que a força do performativo²⁶. A hospitalidade é, natural-

24 “De cette possibilité de l'impossible, et de ce qu'il faudrait faire pour tenter de la penser autrement, de penser autrement la pensée, dans une inconditionalité sans souveraineté indivisible, hors de ce qui a dominé notre tradition métaphysique, j'essaie à ma manière de tirer quelques conséquences éthiques, juridiques et politiques, qu'il s'agisse du temps, du don, de l'hospitalité, du pardon, de la décision - ou de la démocratie à venir”. (J. DERRIDA, *Fichus. Discours de Francfort*, Paris, Éditions Galilée, 2002, 21).

25 Cf. V. M. D. SOARES, “Hospitalidade e Democracia por vir a partir de Jacques Derrida”, em *Ensaio Filosóficos*, II (2012), 164.

26 Cf. J. DERRIDA, *A Universidade sem Condição*, tradução de Américo António Lindeza Digo, posfácio de Fernanda Bernardo, Águeda, Coimbra, *Angelus Novus*, 2003, 70-71; cf. “Les exemples sur lesquels j'ai tenté de faire droit à cette pensée (l'invitation, le don, le pardon, l'hospitalité, la justice, l'amitié, etc.), confirmaient tous cette pensée du possible impossible, du possible *comme* impossible, d'un possible-impossible qui ne se laisse plus déterminer par l'interprétation métaphysique de la possibilité ou de la virtualité (...). L'événement relève d'un *peut-être* qui s'accorde non pas au possible mais à l'impossible. Et sa force alors est irréductible à la force ou au pouvoir d'un performatif, même si cette force donne finalement sa

mente, pervertível e perfectível. Não há uma hospitalidade-modelo, mas apenas processos em vias de se perverterem e de melhorarem. Na verdade, a hospitalidade é uma catharsis (purificação). Muitas vezes, de forma catártica, o ódio ao estrangeiro (xenofobia) nada mais é do que um ódio à sua condição social, daqui que é necessário superar o prejuízo social através da prática pedagógica²⁷. A desconstrução é catharsis do pensamento ou um pensamento catártico, em virtude da contaminação. O modo pedagógico de recepção do Outro-vulnerável revela o estofo ético da pessoa, de um povo e de uma sociedade inteira²⁸.

Segundo o relato de Lucas, sobre os discípulos de Emaús, (Lc 24,13-34): “Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiam com Ele (estrangeiro), dizendo: Fica conosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso” (Lc 24,28-29). Hospedou-se em casa deles, até ao momento do aphantos (deixar de se manifestar). Por aqui se vê que a hospitalidade foi uma “catarse” para os discípulos de Emaús. Segundo a narrativa midrásica e etiológica dos discípulos de Emaús, surgiu uma “vivência cardiopálmica”, quando, no acolhimento do estrangeiro, disseram: Nonne cor nostrum ardens erat in nobis – na verdade, o nosso coração ardia em nós – (Lc24,32)²⁹. O coração, na hospitalidade, vem da “dimensão agápica”. A hospitalidade é cordis splendor (esplendor do coração), onde há uma “presença” do vulnerável e a “presença” de uma vivência. Na hospitalidade, o coração é paciente, é prestável, não é invejoso, não é arrogante, nem orgulhoso. O coração não faz nada de inconveniente, não procura o seu interesse, não se irrita e não guarda ressentimento. O coração não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade³⁰. Por aqui, fazemos uma hermenêutica do coração, a partir da paranése de Saulo de Tarso, Apóstolo Itinerante, originando um “hino ao coração”. A hospitalidade é um “hino agápico” ao Outro e com o Outro. A hospitalidade é a verdade como aceitação e reconhecimento, quer do Outro-estrangeiro, quer do anfitrião. Assim, a hospitalidade mantém-se como presença e é cordis perfectio (perfeição do coração)³¹.

A hospitalidade é um “modelo eleético” (misericordioso), uma vez que vivencia um acolhimento clemente e generoso. É o “fazer” (abdad) de um anfitrião relativamente ao seu próximo, que o visita ou que chega. É um “acolhimento cardiopálmico”. O acolhimento plesiológico determina um chamamento do Samaritano ao apelo do Desvalido. Mas, este “apelo plesiológico” vive-se na “entrega” espalncnofânica do Samaritano (Lc 10,33), através do novo mandamento da hospitalidade: Vade et fac tu misericordiam (vai e faz a misericórdia). Em Betânia, Jesus entre-

chance et son efficacité au performatif lui-même, à ce qu'on appelle la *force* (locutionnaire, perlocutionnaire, illocutionnaire) du performatif. La force de l'événement est toujours plus forte que la force d'un performatif”. (J. DERRIDA, *L'Université sans condition*, Paris, Éditions Galilée, 2001, 74-75).

27 Cf. F. TORRALBA, *Sobre la hospitalidad. Extraños y vulnerables como tú*, Madrid, PPC, 2003, 127.

28 Cf. *ib.*, 129.

29 Cf. B. ALAND; K. ALAND, *Novum Testamentum Graece et Latine*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1984, 244.

30 Cf. *ib.*, 597-598.

31 Cf. R. D. B DE MENESES, *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, Santa Maria da Feira, Edições Passionistas, 2008, 180-182.

gou-se a Marta e a Maria e estas a Ele por causa de “ouvirem a palavra”, sendo o proprium da hospitalidade.

A desconstrução abraça concretamente o conceito de “soberania”, segundo Derrida, porque necessitará não somente de um princípio de resistência, como também de uma força de resistência. A desconstrução do conceito de soberania incondicional é necessária. É, por isso, que encontramos aí o “legado de uma Teologia”, de há pouco secularizada. No caso mais notório, pela pretensa soberania dos Estados-nações, são um entre outros, visto que o valor da soberania se encontra hoje em plena decomposição. Mas, é necessário velar para que esta desconstrução não comprometa, ou não o faça em demasia, a reivindicação da Universidade pela independência, ou seja, para uma certa e muito particular forma de soberania³². A desconstrução é, na verdade, a “revisão da soberania”. É a soberania da soberania do Outro e da Palavra. Assim, é a Teologia Racional.

Para Derrida, a desconstrução não é simplesmente uma neutralização de oposições, como poderia parecer à primeira vista, de acordo com as premissas da “différance”. Naturalmente, a desconstrução começou não só com o logocentrismo, como também pelo fonocentrismo³³. Como afirma Derrida, desconstruir a oposição significa, num dado momento, inverter a hierarquia. Esquecer esta fase de inversão será ignorar a estrutura conflitual da oposição. Significa, pois, passar demasiado depressa sem se deter sobre a oposição anterior, a uma neutralização que, praticamente, deixaria o campo anterior no seu estado e privar-se-ia, eficazmente, de todo o meio para o interior³⁴. Esta característica da “desconstrução” revela um papel significativo na “alteridade” do processo. Derrida indica que a desconstrução será, essencialmente, substituível dentro de uma cadeia de substituições, frisando que a palavra “desconstrução”, de forma idêntica a outras, não possui mais valor do que a que lhe confere a sua inscrição. Tendo sido perguntado a Derrida, numa ocasião, sobre se o termo “desconstrução” designava o seu projeto fenomenológico fundamental, respondeu que nunca tinha tido um projeto fundamental.

32 “La déconstruction du concept de souveraineté inconditionnelle est sans doute nécessaire et en cours, car c’est là l’héritage d’une théologie à peine sécularisée. Dans le cas le plus visible de la prétendue souveraineté des États-nations mais aussi ailleurs (car elle se trouve chez elle partout, et indispensable, dans les concepts de sujet, de citoyen, de liberté, de responsabilité, de peuple, etc.), la valeur de souveraineté est aujourd’hui en pleine décomposition. Mais il faut veiller à ce que cette déconstruction nécessaire ne compromette pas, pas trop, la revendication de l’université à l’indépendance, c’est-à-dire à une certaine forme très particulière de souveraineté, ...”. (J. DERRIDA, *L’Université sans condition*, 20).

33 “La déconstruction est souvent représentée comme ce qui dénie toute extériorité au langage, elle reconduirait tout à l’intérieur du langage. Comme j’ai écrit qu’ «il n’y a rien en dehors du texte», tous ceux qui se plaisent à nommer langage ce que je nomme «texte» traduisent, veulent traduire: «il n’y a rien en dehors du langage». Alors que, pour le dire brièvement et schématiquement, c’est exactement l’inverse. La déconstruction a commencé avec la déconstruction du logocentrisme, la déconstruction du phonocentrisme”. (J. DERRIDA, *Moscou Aller/Retour*, 108).

34 Cf. “Ne pouvant plus s’élever comme un maître-mot ou un maître-concept, barrant tout rapport au théologique, la différence se trouve prise dans un travail qu’elle entraîne à travers une chaîne d’autres concepts, d’autres mots, d’autres configurations textuelles; et peut-être aurai-je tout à l’heure l’occasion d’indiquer pourquoi tels ou tels autres mots ou concepts se sont ensuite ou simultanément imposés; et pourquoi il a fallu leur donner valeur d’insistance (...) de *supplément, pharmakon, de marge-marque - marche*, etc.”. (J. DERRIDA, *Positions. Entretiens avec Henri Ronse et al.*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1972, 54-55).

A desconstrução surge como a vivência poiética e prática de um “pensamento contaminado”. A contaminação, sempre presente na desconstrução, como seu fundamento, assinala-se como o traço de união entre os conceitos de “presença” e “ausência”, tornando-os insolúveis, mas não idênticos e não indiferentes, um em relação ao outro. A contaminação será o “leitmotiv” da desconstrução³⁵. Todos os domínios da Teologia implicam uma desconstrução, dado que esta, segundo o M. Lutero, seria uma desconstrução. Muito provavelmente, a exegese marca o sentido da desconstrução da Teologia, mais do que qualquer outro domínio da mesma ciência.

Derrida afirma a desconstrução como um repensar da eticidade da ética ou da moralidade da moral, dizendo-se, também, a desconstrução como o repensar da politicidade do político e da justiça. Um repensar que implica a atitude de uma certa reserva em relação ao político determinado, como ele sempre foi, desde a Grécia Clássica, pela soberania onto-antropo-teológica da polis e/ou Estado-nação³⁶. A hospitalidade será, igualmente, “Auskunft” (comunicação), descrevendo-se como comunicação teórica, prática e poiética, intersubjetivamente vivida. Na hospitalidade de Betânia, Maria foi o “dom” (contemplação) e Marta o “contra-dom” (vivência das leis da tenda pela ação).

Interpretando o pensamento de Derrida, a hospitalidade surge como possibilidade do estar dentro ou no interior da possibilidade. Logo, será a possibilidade da impossibilidade. A impossibilidade é o idioma da desconstrução. Toda a hospitalidade, como possibilidade do impossível³⁷, será a possibilidade da desconstrução do Outro-estranho, através do anfitrião, realizando-se a desconstrução do “host” (dono da casa) no “guest” (convidado) e vice-versa. A desconstrução é a anacronia na sincronia e será um modo de correspondermos a qualquer coisa “out of joint”³⁸. Surge, pois, como “meta-método”, segundo a nossa crítica ao pensamento de Derrida. Esta não é mesmo um ato ou uma operação. Ela tem em si alguma coisa de “passivo”³⁹. Na verdade, a desconstrução não é, simplesmente, a decomposição de uma estrutura arquitectural. Será antes uma questão sobre o fundamento, sobre a relação fundamento/fundado, referindo-se à vedação da estrutura, sobre toda uma arquitectura da filosofia, não sobre uma tal ou qual construção, mas sobre o motivo arquitectónico do sistema⁴⁰. A desconstrução será formada como modalidade da autocrítica interna da filosofia⁴¹. Com efeito, a desconstrução conduz a um projeto generalizador da filosofia pela descoberta dos seus próprios limites. Em nome do Outro, a desconstrução afronta os edifícios do mesmo. A iterabilidade, predicado da desconstrução, será a inscrição do Outro no mesmo⁴². Assim, a iterabilidade marca a inscrição da alteridade na repetição. A desconstrução é um

35 Cf. S. PETROSINO, *J. Derrida et la loi du possible*, tradução do italiano por Jacques Rolland, Paris, Les Éditions du Cerf, 1994, 130-131.

36 Cf. F. BERNARDO, “A crença de Derrida na justiça”, 60.

37 Cf. J. DERRIDA, *Fichus. Discours de Francfort*, 20-21.

38 J. DERRIDA; M. FERRARIS, *O Gosto do Segredo*, 138.

39 Cf. J. DERRIDA, *Psyché: Invention de l'autre - II*, 12.

40 Cf. J. DERRIDA, *Points de suspension*, 224-225.

41 Cf. J. DERRIDA, *Du droit à la philosophie*, 118.

42 Cf. B. THORSTEINSSON, *La Question de la Justice chez Jacques Derrida*, Paris, L'Harmattan, 2007, 234, 233, 228.

“compte rendu” das contradições, mais ou menos patentes da filosofia, que visam fundamentar aquelas mesmas naquilo que se denominam as infraestruturas. Todavia, a desconstrução está em crise permanente, dado que é o próprio segredo da sua frágil identidade, da sua vida constantemente ameaçada, estando condenada a operar nos limites do abismo, que separa o ser do não ser, entre o tudo e o nada. Assim, a desconstrução é tudo ou nada! ... Toda esta desconstrução é, também, uma lógica do espectral e da “hantise”, da sobrevivência, não sendo neutra, Ela, per naturam suam, intervêm! ... Na verdade, esta procurará subverter a tradição metafísica ocidental, considerada logocêntrica e dominadora.

De acordo com Derrida, a especificidade de uma desconstrução existe, não sendo necessariamente redutível à tradição luterano-heideggeriana. A operação desconstrutiva não é somente analítica ou somente crítica – quer dizer capaz de se decidir entre dois termos simples – mas trans-analítica, ultra-analítica, sendo mais do que crítica⁴³. A desconstrução é a marca da “différance”, como um movimento, no qual a distinção do espaço e do tempo ainda não chegou⁴⁴. Com efeito, a “différance” é não somente irredutível a toda a reapropriação ontológica ou teológica – onto-teológica – mas, abrindo mesmo o espaço no qual a onto-teológica – a filosofia – produz o seu sistema e a sua história, ele a compreende, inscreve-a e excede o seu retorno⁴⁵. A ordem da “différance”, a ordem da resistência às oposições, não será somente aquilo que resiste, mas aquilo que permite abrir o jogo das forças opostas, onde a própria resistência encontra o seu lugar. É uma resistência à própria reapropriação.

A desconstrução é a soberania da Palavra, é o poder da Palavra. A desconstrução é o caminho do “por-venir” da Palavra. A desconstrução, seguindo pelo pensamento de Aristóteles, na Poética, será uma mimesis, significando não uma reposição ou repetição, mas antes uma recriação ou uma inovação criativa, segundo a nossa perspetiva. Desta feita, a desconstrução é uma “paixão inventiva”, tanto do criador literário, quanto do filósofo. Pela desconstrução, o venire do por-venir revela-se ao venire do in-venire.

Na verdade, a desconstrução apresenta-se, ora como uma resistência, ora como uma resposta. É a resposta a um “dever teórico”. A desconstrução é o in-venire. Esta, como “invenção”, só pode ser pensada juntamente com o dom. Para além do indício da desconstrução, como uma desconstrução do registo onto-teológico da soberania (subjéctiva, política ou outra) e da axiomática metafísico-antropocêntrica, corresponde ao indício do lugar e da irredutibilidade da “crença”. Com efeito, a desconstrução é um pensamento catártico, entre a contaminação e a descontaminação. A desconstrução surge como aquilo que recusa toda a exterioridade à linguagem, ela reconduzirá tudo à interioridade da linguagem⁴⁶. A desconstrução não se limita nem a uma reforma metodológica tranquilizadora, para uma dada organização, nem inversamente para uma exibição da destruição irresponsável⁴⁷.

43 Cf. J. DERRIDA; A. SPIRE, *Au-delà des apparences*, 20, 22.

44 Cf. *Ib.*, 43.

45 Cf. J. DERRIDA, *Marges de Philosophie*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1972, 6.

46 Cf. J. DERRIDA, *Moscou Aller/Retour*, 108.

47 Cf. J. DERRIDA, *Points de suspension*, 224-225.

A desconstrução não será jamais um conjunto de procedimentos discursivos e ainda menos um novo método hermenêutico, trabalhando sobre os arquivos ou exposições de refúgio de uma dada instituição⁴⁸. Como sistematiza a Senhora Professora Fernanda Bernardo, a desconstrução derridiana revela-se como uma desconstrução dos fundamentos arqueo-onto-lógicos da ocidentalidade filosófico-cultural⁴⁹. Não sou eu que desconstruo, é a experiência de um mundo, de uma cultura, de uma tradição filosófica, à qual “acontece” qualquer coisa a que se chama “desconstrução”. Aquilo que acontece, acontece desconstruindo-se⁵⁰.

Na perspectiva de Derrida, a desconstrução não se poderá limitar a uma neutralização, ela deverá ser, por um duplo gesto, uma dupla ciência, uma dupla escrita e praticar uma ruína da oposição clássica e um deslocamento do sistema. Será somente, nesta condição, que a desconstrução oferecerá os meios para intervir no campo das oposições, que ela critica e que é também um campo de forças não discursivas. Este conceito pertence a uma cadeia sistemática e constitui-se como um sistema de predicados⁵¹. Talvez a desconstrução deva ser entendida como a tentativa de prestar contas de uma variedade heterogênea de contradições não-lógicas e de desigualdades discursivas, de todos os lados e de todas as sortes, que continuam a assombrar o debate filosófico, apesar de ser bem sucedido no seu desenvolvimento⁵². A desconstrução será essencialmente sem teorias, sem fundamento, sem positividade, sem lógica tradicional, será sim lógica, para além da oposição “sans”. Manifesta-se, pois, como óptica daquilo que não se torna presente à vista, aos olhos, faz-se, na verdade, como aquilo que visa a exterioridade ou aquilo que é dito dirigir-se contra o interior. Assim, “il n’y a pas de pas”⁵³.

A desconstrução é justiça, uma justiça “por-vir” (à-venir), sempre intempestiva e prometida como o próprio “por-vir”, distinta do futuro e para além do direito. Como experiência do impossível, é uma experiência do Outro-absoluto⁵⁴. É uma justiça oblativa ou gratificante, segundo a nossa crítica, que vai na linha da profecia de Oseias (14,2). A justiça, em si mesma, se uma tal coisa existe, para além do direito, não é desconstrutível⁵⁵. A justiça, segundo Derrida, é pensada em termos de endereçamento dissimetricamente infinito à singularidade de outrem, antes de qualquer condição ou de qualquer contrato. Entretanto, a justiça parece “ser”, às vezes, o telos da desconstrução, sendo a desconstrução propriamente dita. A justiça, como experiência de alteridade absoluta, é a oportunidade do acontecimento e a condição da história, segundo Derrida. Às vezes, ela é destino e percurso. Derrida dirá a “justiça” como o movimento da própria desconstrução a operar na história do direito, na história da política e na história “tout court”⁵⁶. A justiça, como relação com o outro, não suporá contrariamente o irreduzível excesso de um desagregado ou separação de uma anacronia, como qualquer “Un-fuge”

48 Cf. *ib.*, 424.

49 Cf. F. BERNARDO, “A crença de Derrida na justiça”, 70.

50 Cf. J. DERRIDA; M. FERRARIS, *O Gosto do Segredo*, 135.

51 Cf. J. DERRIDA, *Marges de Philosophie*, 392.

52 Cf. J. DERRIDA, *Moscou Aller/Retour*, 122.

53 Cf. B. THORSTEINSSON, *La Question de la Justice chez Jacques Derrida*, 448.

54 Cf. F. BERNARDO, “A crença de Derrida na justiça”, 83.

55 Cf. J. DERRIDA, *Força de Lei. O fundamento místico da autoridade*, 25.

56 Cf. *ib.*, 90.

(Heidegger), qualquer deslocação “out of joint” no ser e no próprio tempo, uma desmontagem que, para riscar sempre o mal, se manifesta como a expropriação e a injustiça (adikia) A justiça delimita-se, neste contexto, como incalculabilidade do dom e como singularidade da exposição não-económica ao Outro. A justiça oferecesse ao direito, aquela onde ele vai reservar a possibilidade, aquele que se associa à singularidade do Outro, não se reduzindo a este. Ela resiste à redução do Outro, onde encontrará a sua existência.

A desconstrução é pensamento do “talvez”, um pensamento contaminado. A desconstrução será um “pensamento por-vir”. Assim, a desconstrução manifesta-se como uma “meditação re-inventiva e re-criativa”. É a imaginação da imaginação criativa. É o ato da inteligência inventiva. A desconstrução pode afirmar-se como pensamento da afirmação⁵⁷. A desconstrução leva sempre, num momento, a um outro momento, sobre a confiança realizada pela instância crítica, isto é, decidente à possibilidade última do decidível. Desta feita, a desconstrução será desconstrução da dogmática crítica⁵⁸. A desconstrução não se constitui somente como ato de resistência, ela revela-se como um ato de fé. Ela diz “sim” à justiça⁵⁹. A desconstrução obedece inegavelmente a uma “exigência analítica”. Ela é uma “dissociação hiperanalítica”⁶⁰. A desconstrução chama-se “hiperresponsabilidade”. Assim, a condição de possibilidade da responsabilidade será uma certa experiência da possibilidade do impossível: a prova da aporia, a partir daquela ao inventar a única invenção possível, a invenção impossível⁶¹. Aquilo a que chamo (Derrida) desconstrução, mesmo quando é dirigida contra qualquer coisa da Europa, é europeia, é um produto, uma relação a si da Europa como experiência da alteridade radical⁶². A desconstrução é a philia do pensamento, é o pensamento como philia. Acontece que, como pensamento da hiperresponsabilidade, a desconstrução é, por isso, desde sempre um hiper-questionamento da origem, dos fundamentos e dos limites do aparelho conceptual e normativo da nossa cultura, como algo de incondicional⁶³.

A hospitalidade incondicional revela-se como o acolhimento do acolhimento. A hospitalidade é uma “recitação elpídica” do Outro. A “recitação elpídica” é a hospitalidade e esta supõe, dialeticamente, a audição (dimensão pistica) e a decisão (dimensão agápica). A hospitalidade, segundo o pensamento de Derrida, é um “por-vir” da amizade. Não há philein sem escuta.⁶⁴ Segundo a posição de Derrida, a escuta é constitutiva do discurso.⁶⁵ A escuta (das Hoeren), em sentido autêntico, é uma reunião, um recolhimento de si, em direção à palavra, que nos é endereça-

57 Cf. J. DERRIDA, *Points de suspension*, 198.

58 Cf. *ib.*, 60.

59 Cf. J. DERRIDA, *Papier Machine*, 341.

60 Cf. J. DERRIDA, *Résistances de la psychanalyse*, 41-42.

61 Cf. J. DERRIDA, *L'Autre Cap, suivi de La Démocratie Ajournée*, 43.

62 Cf. J. DERRIDA, *Aprender Finalmente a Viver*, tradução de Fernanda Bernardo, Coimbra, Ariadne Editora, 2005, 46.

63 Cf. *ib.*, 57.

64 Cf. J. DERRIDA, *Políticas da Amizade. Seguido de O Ouvido de Heidegger*, tradução de Fernanda Bernardo. Porto, Campo das Letras, 1994, 338,346.

65 Cf. *ib.*, 325.

da.⁶⁶ Será um convite ao arrependimento, à conversão e/ou à amizade. A amizade pertence ao dom do poema e a hospitalidade é poema.

A TEOLOGIA COMO “DESCONSTRUÇÃO”

Segundo De la Grammatologie, a linguagem é uma estrutura ou um sistema de oposições, de lugares e de valores, sendo uma “estrutura orientada”. Digamos antes, brincando um pouco, segundo Derrida, que a sua “orientação” é uma “desorientação”. Poder-se-ia dizer tratar-se antes de uma “polarização”⁶⁷. Da mesma forma, a linguagem matemática será uma estrutura de oposições entre constantes e variáveis. É simultaneamente uma linguagem indeterminística e determinística. Apresenta um texto que é “escrito”, que é um “passado”, numa falsa aparência de presente, que é presente, segundo Derrida, ao leitor como um “avenir” (futuro)⁶⁸. Em primeiro lugar, há uma “linguagem operativa”, que se caracteriza pela recolha de operações formais.

A desconstrução é uma tentativa não de negar as oposições (tais negações), mas de as neutralizar depois de as ter derrubado. O exemplo mais conhecido é aquele que se refere à inversão, para Derrida, sobre a hierarquia tradicional, entre a palavra e a escrita, sendo esta pensada como instrumento técnico inessencial, derivado da palavra falada e do presente. Esta subordinação metafísica da escrita à palavra, e o sistema de oposições que ela governa, é chamado por Derrida “fonocentrismo” ou “fonologocentrismo”. O “fonocentrismo” e sua estrutura de pressupostos estruturam constantemente a metafísica⁶⁹. O labor desconstrutivo realiza-se numa espécie de “assédio” (hantise), que acontece dentro do pensamento filosófico e da escrita literária e que se aproveita das debilidades e contradições das suas aberturas, das suas aporias, das suas fissuras, para determinar uma possibilidade no “por-vir”. Sempre que um sistema de pensamento (filosófico, literário, político ou jurídico) for tido por homogêneo, hegemónico e inatacável, erguendo-se como dominante, será então aí que a desconstrução actua. Esta não será com a ajuda de alguma técnica exterior ao texto, mas antes pela agitação das suas próprias forças interiores. No pensamento de Derrida, a desconstrução existe no intervalo entre as construções e indesejabilidades. O primeiro exemplar dessa relação é a relação entre a lei, a desconstrução e a justiça. Derrida resume a relação, dizendo que a justiça é condição indesejável, que torna a desconstrução possível. No

66 Cf. *ib.*, 345.

67 Cf. J. DERRIDA, *Grammatologia*, tradução do francês por Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro, S. Paulo, Perspectiva, 2004, 264. Cf. “Le langage est une *structure* – un système d’oppositions de lieux et de valeurs – et une *structure orientée*. Disons plutôt, en jouant à peine, que son *orientation* est une *désorientation*. On pourra dire une *polarisation*”. (*ib.*, 309).

68 “...le texte est un écrit-un passé - que, dans une fausse apparence de présent, un auteur caché et tout-puissant, en pleine maîtrise de son produit, présente au lecteur comme son avenir”. (J. DERRIDA, *La dissémination*, Paris, Seuil, 1972, 13).

69 “La déconstruction est la tentative non de nier ces oppositions (ces négations) mais de les neutraliser après les avoir renversées. L’exemple le plus connu est celui de l’inversion, par Derrida, de la hiérarchie traditionnelle entre la parole et l’écriture, hiérarchie selon laquelle l’écriture est pensée comme un instrument et une technique inessentielle, dérivée de la parole vive et présente. Cette subordination métaphysique de l’écriture à la parole, et le système d’oppositions qu’elle régit, est appelée par Derrida «phonocentrisme» ou «phonologocentrisme». Le «phonocentrisme» et ses présupposés structurent constamment la métaphysique”. (M. GOLDSCHMIDT, *Jacques Derrida: Une introduction*, Paris, Agora, 2003, 21).

entanto, a justiça referida por Derrida é indeterminada e não um ideal transcendente.

A lei é feita de construções humanas necessárias, enquanto a justiça é o indesejável ao elaborar as leis. A lei pertence ao reino do presente, do possível e do calculável, enquanto que a justiça pertence ao reino do ausente, do impossível e do incalculável. A desconstrução cria pontes entre o fosso da lei e da justiça, como a experiência da aplicação da lei de forma justa. A justiça exige que uma ocorrência singular seja respondida com uma novidade, unicamente determinada pela lei. Assim, uma leitura desconstrutiva da lei é um salto do calculável para o incalculável. Assim, a desconstrução é uma espécie de Teologia Negativa, baseada na indecibilidade.

Na desconstrução, a justiça assume a estrutura de uma promessa ausente, sendo uma impossibilidade, que pode ser feita presente e possível. Na medida em que a desconstrução é motivada por essa promessa, ela escapa do binário tradicional presença/ausência, porque a promessa não é nem presente nem ausente. Portanto, uma leitura desconstrutiva nunca alcança a justiça. A justiça está sempre adiada. A desconstrução, como “pensamento em ação”, vive simultaneamente sob as três formas de pensamento, a saber: teórico, prático e poético. Como pensamento contaminado, precede per se à descontaminação de todo o saber e do pensar. Na verdade, pela contaminação, a “desconstrução” surge como um “pensamento catártico”. É a purificação do pensamento. Revelar-se-á como pensamento do pensamento. A desconstrução reside no pensamento do pensamento. Com efeito, a desconstrução não chega ad extra num determinado momento, recomendada por uma autoridade ou avisada por um determinado método. Ela é o método do método. A desconstrução é aquilo que está sempre a acontecer a todas as coisas (ça se déconstruit) e a todo o momento. Assim, é o caminho para além do caminho. É meta-meta-odos.

A Teologia, como “desconstrução”, aparece como sendo ou estando dependente da Teologia Analítica⁷⁰. A verdade de nós, e o que Jesus Cristo revelou sobre si mesmo, e pela Teologia Analítica diz-se: “se eu sou o caminho, a verdade e a vida, então ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 6: 68 -69). Por influência da Teologia Semântica, temos uma tautologia, que é uma proposição, onde a verdade é logicamente necessária ou a sua negação é uma contradição. A lógica da “verdade” obriga-nos a distinguir entre o status de verdade de si mesmo e os nossos juízos sobre uma determinada proposição. No entanto, a verdade de uma crença como - Jesus Cristo é Deus - depende da realidade objectiva, que a proposição diz que é, caso contrário, a proposição é falsa. De acordo com o sentido tautológico, a proposição é verdadeira ou falsa para todos os casos. O que torna uma proposição verdadeira não é o meu ser racional, em acreditar que isso seja verdade. A correção dos meus julgamentos sobre a proposição é relativa e mutável e, portanto, um “estatuto epistêmico” podem variar sem o status de verdade da proposição, que altere uma formulação tautológica de Teologia. De acordo com a Teologia Ana-

70 Cf. R. D. BORGES DE MENESES, “Analytic Theology: by the logical implications”, in: *FILOSOFIA OGGI*, 133-134 (2011), 48-50.

lítica, se é verdade que Jesus Cristo é Deus, que exclui a sua negação como falsa. Dizer que Jesus Cristo é o Messias de Israel é excluir logicamente a sua negação como falsa, e as proposições que implicam sua negação. Entretanto, pela verdade semântica analítica, são excluídas as crenças, mutuamente contraditórias, entre as várias religiões e significa que toda a religião não pode ser verdadeira.

A Teologia Analítica é uma *lectio logica* sobre a relação entre a fé e a revelação, pois refere-se ao domínio de Deus como “verdadeiro talk”⁷¹. Esta lição lógica, para a Teologia Analítica, será uma forma de desconstruir a Teologia Teórica e a Teologia Prática. Trata-se, pois, de uma nova forma de leitura para Teologia, que permitirá uma nova semântica da mesma, em ordem a uma desconstrução teórica. Em quase todos os ramos da Teologia, a desconstrução funciona como método e não como fundamento. Contudo, a desconstrução poderá afirmar-se como fundamento no mundo da Teologia Apofática, como bem lembra Derrida nas suas obras.

CONCLUSÃO

A desconstrução consiste em produzir, discursivamente, o Outro, a partir de si mesmo. A desconstrução afirma-se no plural, enquanto acontece, muitas vezes, inclusivamente em ordem à mesma textualidade, dado que, segundo Derrida, um texto não é um texto, além do que se esconde, à primeira vista, como a lei da sua composição e a regra do seu jogo. Por isso, Derrida refere-se, com frequência, às desconstruções em vez de as descrever como pensamento único. A desconstrução deve compreender-se no plural, porque não pode ser reduzida a uma forma ou a um método. Todavia, a desconstrução é um processo singular, não no sentido de uma verdadeira estrutura metodológica, que se aplique a cada caso concreto, mas em termos de que cada protocolo desconstrutivo, como único e irrepetível. Mas, porque existem muitos singulares, sendo a desconstrução, por natureza, uma realidade plural? Peñalver recorda que cada intervenção da desconstrução tem um carácter irredutivelmente singular, vinculada como está, ela mesma, à singularidade do texto. A desconstrução revela-se como uma “singularidade”. É uma

71 “According to the Analytical Theology, we should make up the truth is not our possession, a product of our insight by the person, and work of Christ. The truth possesses us, and rest on what Jesus Christ revealed about Himself, and by Analytical Theology: «if I am the way, the truth, and he life, then no one comes to the Father except through Me» (John 6: 68-69), and is a proposition from the form: $p \rightarrow q$. By the influence of Semantical Theology, because a tautology is a proposition, where the truth is logically necessary or your negation is a contradiction, the logic of «true-talk» requires us to distinguish between the truth status of a proposition itself, and our judgments about a given proposition. However, the truth of a belief like – Jesus Christ is God – simply depends on whether objective reality is the way, that the proposition says it is; otherwise the proposition is false. According the tautological sense, the proposition is either true or false absolutely. What makes a proposition true is not my being rational, or justified, in believing it to be true, or even my knowing it. The correctness of my judgments about the proposition is relative and mutable, and hence «epistemic status» may vary without the truth status of the proposition varying or a tautological formulation of Theology. According to the Analytical Theology, if it is true that Jesus Christ is God, it excludes its denial as false, and those propositions that entail its denial. To say that Jesus Christ is the Messiah of Israel is to exclude logically its denial as false, and the propositions that entails its denial. Meanwhile, by analytical semantic truth is exclusionary the mutually contradictory beliefs between the various religions imply that not all religion can be true. The Analytical Theology is a *lectio logica* about the relationship between the Faith, and the Revelation, because this refers the center of the semantical God as «true talk» to, of an for the Man, by influence of the new foundation's system for logic as the neologicism”. (*ib.*, 56-57).

singularidade de singularidade. A desconstrução autoimpõe um respeito ao desejo do idioma e à intriga da firme, secreta e disseminada valorização do mesmo⁷². Esta pluralidade de singularidades é, provavelmente, o que levou Derrida a afirmar que se tivesse que ater a uma só definição de desconstrução, uma definição tão breve como uma contra-senha, diria simplesmente e sem exagero: “plus d’une langue” (mais do que uma língua), isto é, não mais do que um idioma. Cada protocolo desconstrutivo opera como uma língua, como se fosse um universo idiomático particular, em que os conceitos solidários ou infra-estruturais se deslocam segundo o contexto de cada caso⁷³. A desconstrução é um dos nomes do indecível, e, como diz Derrida, não será o mais afortunado, se tivesse que haver um eleito. O infortúnio provém de que, entre todos os conceitos solidários da cadeia derridiana, será provavelmente o único que poderia ter sido confundido com um método. O conceito de desconstrução surge a partir de dentro, ab himis (a partir dos alicerces), pelas categorias metafísicas. A Metafísica não pode ser destruída, porque o próprio ato de “desconstrução” possui um carácter ontologicamente fundacional. A desconstrução necessita da Metafísica.

A desconstrução leva sempre, num momento, ou a um outro momento, sobre a confiança realizada pela instância crítica, crítico-teórica, isto é, longe da possibilidade última do que se decide. Desta feita, a desconstrução será desconstrução da dogmática crítica⁷⁴. A desconstrução não se constitui somente como ato de resistência.⁷⁵ A desconstrução obedece inegavelmente a uma “exigência analítica”. Ela é uma “dissociação híper-analítica”.⁷⁶ Segundo a leitura de Higinio, uma das estratégias da desconstrução, delineada pelo estilo cortante e híper-conceptual, cultivado por Derrida, encontra-se na desmontagem das oposições clássicas, elaboradas pelo pensamento ocidental, tais como teórico/prático, real/virtual, literal/metafórico, discurso filosófico/discurso literário, etc.

A Ontologia Clássica radicou quase sempre numa lógica construtiva, de consolidação dos saberes a partir de uma pretensão totalizante. Assim, pertence à desconstrução revelar o engano e a ilusão desta pretensão, visto que se os textos desta tradição filosófica forem analisados com cuidado, verificar-se-á a sua insegurança estrutural, uma vez que todos eles são habitados pelo fantasma da ruína⁷⁷.

Em muitos casos, segundo a desconstrução teológica, o conceito que algumas pessoas tem sobre Deus está mais ligado a experiência da infância, na sua relação com o pai terreno, ou com a ausência dele ou, ainda, com a figura que o representa, do que propriamente com uma experiência sadia com o Deus bíblico. Em especial, no Antigo Testamento, Deus é apresentado como um “Deus castigador”, que pune com a morte aqueles que a Ele desobedecem. Mas como a Bíblia é um livro

72 Cf. P. PEÑALVER, *Introducción a Jacques Derrida, la deconstrucción en las fronteras de la filosofía. La retirada de la metáfora*, Barcelona, Paidós, 1997, 21 - 22.

73 Cf. R. MADRID, “Hacia una ética de la responsabilidad: Derrida y el otro por venir en Levinas”, 117.

74 Cf. J. DERRIDA, *Points de suspension*, 60.

75 Cf. J. DERRIDA, *Papier Machine*, 341.

76 Cf. J. DERRIDA, *Résistances de la psychanalyse*, 41-42.

77 Cf. N. HIGINIO, “Entre filosofia e literatura: responsabilidade infinita”, in: *Humanistica e Teologia*, 32 /2 (2011), 67- 68.

que deve ser interpretado por inteiro, e não por partes, o que nós precisamos ter na mente e também no coração é que o Deus da Bíblia (Novo Testamento) é um “Deus de amor”. A grande definição bíblica, sobre Deus, é: “Deus é amor” (1ª Jo 4:8). Sendo Deus um Deus de amor, por que, então, em muitos casos, a relação para com Ele é tão truncada, reservada, e, por vezes, até mesmo fria? Falta de fé? Falta de conhecimento bíblico? Falta de uma experiência real com Ele? Pode ser! Mas existe uma realidade psíquica que não pode ser ignorada: é a confusão entre o pai terreno e Pai-nosso, que está nos céus. A relação de Deus, como Pai, pode sim ser afetada a partir da relação com o pai terreno. Estamos, pois, perante a imergência de uma desconstrução do conceito de Deus. A busca do impossível, do incondicional, é uma confiança no “por-vir”. Trata-se, sim, de uma teleologia não teológica, mas que tem relações com a fé (Kierkegaard), e certo aspeto religioso (apontado, entre outros, por Habermas), talvez num resíduo de messianismo judaico.

Mas, como não é um pensamento teológico, a desconstrução é uma responsabilidade infinita, que não dá descanso a nenhum tipo de boa consciência (Spectres de Marx, 1993). No exame de importantes questões tratadas por Derrida, aparece a expressão “um perigo e uma oportunidade”. Vejamos alguns dos temas diante dos quais Derrida assume uma posição, que implica “um perigo e uma oportunidade”. O perdão é uma condição para a reconciliação (dos indivíduos, das coletividades, dos Estados, etc.) e para a continuação da História, isto é, da vida. Nesse sentido, o perdão é uma “oportunidade”. Mas, o perdão pode ser compreendido como esquecimento do crime, como apagamento da culpa e, nesse sentido, é um “perigo”. Como defender o perdão com relação ao holocausto, ao apartheid, aos crimes das ditaduras latino-americanas? Diante desse impasse, entre o perigo e a oportunidade, Derrida lembra primeiramente “a heterogeneidade absoluta entre o movimento e a experiência do perdão, por um lado, e tudo o que muitas vezes a ele é associado, isto é, a prescrição, a absolvição, a anistia ou o esquecimento sob todas as suas formas, por outro” O perdão é heterogêneo ao direito”.

Devido a essa heterogeneidade entre o crime e seu “apagamento”, o perdão “deve ser concedido àquilo que é imperdoável”. Como? Responde ele: “Se perdoamos o que é perdoável, ou aquilo para que se pode encontrar uma desculpa, não será mais perdão; a dificuldade do perdão, o que o faz parecer impossível, é que ele deve ser dado àquilo que continua sendo imperdoável”. O perdão não é esquecimento: “Para que haja perdão, diz ele, é preciso que o irreparável seja lembrado ou permaneça presente, que a ferida permaneça aberta.” O perdão deve ser, portanto, incondicional, porque as condições para que ele seja concedido não existem. O perdão é uma incondicionalidade desconstrutiva da Teologia, como se verifica pela parábola do Filho Pródigo, no Evangelho de Jesus Cristo, segundo S. Lucas. Logo, o perdão é uma “esplancnofania” do Pai das Misericórdias. Quando Derrida diz que tenta chegar ao ponto em que, se há perdão, ele deve ser secreto, reservado, improvável e portanto frágil. A fragilidade do perdão faz parte da sua essência, como perdão, descrevendo-se a hospitalidade como perdão.⁷⁸ Segundo Ricoeur,

78 Cf. J. DERRIDA, *Sob Palavras: Instantâneos Filosóficos*. Tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Fim de Século, 1999, 126-127.

talvez o perdão seja impossível, mas existe. Contudo, o existir do perdão tem um topos, nas tradições abrahamicas, pelo “dom esplancofnânico”.

Com efeito, para Derrida, perdoar o imperdoável será condição para que o perdão exista, é simultaneamente o que torna o perdão impossível. Assim, a im-possibilidade do perdão deverá, na perspectiva de Derrida, ser entendido no sentido de que o perdão arrisca-se a fazer o impossível⁷⁹. O perdão é dom em acréscimo de dívida, uma dívida que não tem preço, um dom incalculável. Ele é o dom puro, gratuito, sem esperança de retorno. Como diz Derrida, o perdão puro deve perdoar aquilo que fica imperdoável. Se eu perdoar aquilo que é perdoável, nada perdoarei⁸⁰. Como refere Derrida, em *Papier Machine*, o perdão revela-se como graça absoluta. Somente o perdão possível será, na perspectiva de Derrida, o perdão impossível⁸¹. Contudo, Derrida e Ricoeur não explicam o existir do perdão, o qual se manifesta pela “comoção das vísceras” (Lc 15,20; 10,33;7,13). O perdão é o milagre de uma metanoia.

A hospitalidade é “presença”, é “Zukunft” do Outro-estranho. Logo, poderemos afirmar que a hospitalidade é uma “parusia”. A hospitalidade é a essência da cultura, segundo Derrida⁸². Criticamente, afirmamos esta como sendo uma perfeição ou um existir da cultura. Na verdade, a hospitalidade é justiça, que se revela no “por-vir” de uma experiência de alteridade absoluta. A hospitalidade é uma “mundividência plesiológica”, vivida num “movimento elpídico”, entre um anfitrião e um homo mendicans (estrangeiro, desvalido, vulnerável, etc.), como dom, pela dimensão pística, num “dom esplancofnânico”, realizada pelas tarefas da casa, como dimensão agápica, (contra-dons), sendo este acolhimento um “movimento esplancofnânico” de um anfitrião para com um Desvalido no Caminho (Lc 10,25-37), e vice-versa, segundo a nossa posição crítica. Finalmente dizer que a hospitalidade é uma “inter, intra e transsubjectividade esplancofnânica”, vivida numa “vocação plesiológica”. No aspeto poiético, a Teologia é a ciência do perdão, porque o perdão é naturalmente teológico, é a sua vida, a sua vivência e a sua prática.

79 Cf. J. DERRIDA, *Foi et Savoir, suivi de Le Siécle et le Pardon*, Paris, Éditions du Seuil,1996,108.

80 Cf. J. DERRIDA; E. ROUDINESCO, *De quoi demain... Dialogue*, 260.

81 Cf. J. DERRIDA, *Papier Machine*, o. c., 395; 396; 397.

82 Cf. J. DERRIDA, *Aporias: Morir; esperarse (en) los limites de la verdad*, tradução do francês, Barcelona, PAIDOS, 1992, 25.